



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

50

anos
memórias

2024

Título

✎ Memórias da Universidade de Évora

Edição

✎ Universidade de Évora

Coordenação editorial

✎ Jorge Araújo

Organização de conteúdos

✎ Cristina Centeno

Projeto gráfico

✎ João Morgado [Divisão de Comunicação]

Fotografia

✎ Arquivo da Universidade de Évora e Divisão de Comunicação

Impressão

✎ Gráfica Eborensis

Évora, novembro de 2024

Depósito Legal n.º 538386/24

ISBN 978-972-778-420-2

Tiragem ~ 250 exemplares



Anta e menir da Soalheira após a sua recuperação.
Coudelaria de Alter do Chão *Portalegre*

Jorge de Oliveira

*Professor Catedrático do
Departamento de História
(aposentado)*

Memória do Ensino e Investigação em Arqueologia na Universidade de Évora

Haverá que reconhecer que desde a refundação da Universidade de Évora que as preocupações com o estudo dos testemunhos arqueológicos da região estiveram sempre presentes. Logo na tomada de posse da Comissão Instaladora, em 1974, o documento programático regista que a Universidade de Évora deverá “encontrar as ações pedagógicas para sectores ainda não desenvolvidos em Portugal (...) como as Ciências do Homem nomeadamente História e Antropologia com o duplo objetivo de garantir amplas oportunidades na cultura e de realizar o estudo sistemático do imenso material deixado pelos povos que habitaram a região do Sul do Tejo” (Informação Interna n.º 79).

Convém recordar que na Comissão Instaladora de 1974 identificamos nomes muito atentos ao património, como o próprio Reitor, Prof. Ário Lobo de Azevedo, os Profs. Carlos Portas, Rosado Fernandes, Gomes Guerreiro, ou o Eng. Celestino David. Assim, desde a criação da Licenciatura em Ciências Sociais, em 1978, que os assuntos arqueológicos começam a ser matéria de reflexão a que não terá sido estranha a relação próxima do Dr. José Pires Gonçalves, médico de Reguengos de Monsaraz e recém descobridor dos menhires alentejanos e do Dr. António Ventura, profundo amador do património arqueológico, com alguns dos membros da Comissão Instaladora. Por essa altura voltava novamente a falar-se na implementação da projetada Barragem do Alqueva e estava bem presente, na cultura portuguesa, o nefasto impacte que a recém-construída Barragem do Fratel tinha perpetrado na arte rupestre do Vale do Tejo, por falta de estudos prévios. A Comissão Instaladora, sensível a esta temática, e o conhecimento profundo das margens do Guadiana por parte de alguns dos seus membros anteviam que, se não se tomassem medidas cautelares, em tempo útil, algo semelhante ao que ocorreu à arte rupestre do vale do Tejo poderia verificar-se, em muito maior escala, às portas da recém restaurada Universidade de Évora.

Em 1978 começava-se a constituir o corpo docente que iria lecionar a formação em História e Ciências Sociais, a iniciar no ano seguinte. Quis o destino, que nessa altura, o

Professor Nuno Mendça, encarregue pelo Reitor de começar a organizar a docência e investigação em Arqueologia se tenha deslocado à Casa Varela, em Lisboa, para adquirir estiradores que iriam equipar as salas onde seriam lecionadas as aulas da futuro Curso de Arquitetura Paisagista. Casualmente, nesse dia, por trás do balcão estava o Arquiteto e Arqueólogo Mário Varela Gomes, proprietário do estabelecimento e que estava ativamente empenhado no estudo, *in extremis*, da arte rupestre do Vale do Tejo. No decurso da apresentação dos diferentes tipos de estiradores e da sua aplicabilidade, Nuno Mendça percebe qual a formação do seu interlocutor e pergunta-lhe se não estaria interessado em colaborar com a Universidade de Évora no ensino de Pré-História e investigação arqueológica na região. Com atelier de arquitetura acabado de instalar em Lisboa e tendo já a seu cargo responsabilidades na administração da Casa Varela, Mário Varela Gomes declina o convite e sugere o nome do seu colega Jorge Pinho Monteiro, arqueólogo, com Licenciatura em História e igualmente ativo investigador da arte rupestre do Vale do Tejo. Assim, nos finais de 1978, perante o seu já vasto curriculum, Jorge Pinho Monteiro é contratado como Assistente Convidado do Departamento de História, para lecionar as cadeiras de Pré-História, Pré-Clássicas, criar o Curso Superior Livre de Arqueologia, e promover ações preventivas do património arqueológico da região. Estavam, assim, lançados os alicerces da formação e investigação em Arqueologia, na Universidade de Évora. No ano seguinte é contratado, igualmente como Assistente Convidado, o arqueólogo, especialista em cultura clássica, José Olívio Caeiro, que iria encarregar-se da docência e investigação do Período Clássico. Pela mesma altura, para completar esta fileira formativa mais antiga, é convidada para colaborar na futura docência de História e Arqueologia Islâmica, a arqueóloga espanhola Paloma Amorós.

Em 1979, alicerçado na anterior formação em Ciências Sociais, do já extinto Instituto Universitário de Évora, inicia-se a licenciatura do Curso de História e Ciências Sociais, com as “especialidades” de História, Ciências Sociais e Pedagogia. Neste *cluster* formativo, ainda que especialmente dirigido para a formação de professores de História, a componente dos estudos arqueológicos está bem presente, quer pela formação do seu corpo docente, quer pela lecionação, em simultâneo do Curso Superior Livre de Arqueologia, aberto à comunidade local, mas frequentado, igualmente, por vários dos alunos das licenciaturas. Nessa altura reforça-se o corpo docente na área dos Estudos Islâmicos com a contratação do Prof. Adel Sidarus, cobrindo-se, com estes professores a fileira formativa da história mais antiga.

Instituíam-se, assim, desde finais de 1978, a formação, mas sobretudo a investigação em Arqueologia, na Universidade de Évora. As preocupações com a submersão da arte

rupestre do Vale do Tejo, levam a que os docentes da Universidade de Évora chamem a si a responsabilidade de começar a equipar-se para os primeiros estudos de impacte da futura Barragem do Alqueva. Um substancial investimento é feito com a aquisição de equipamento náutico, fotográfico e com a requisição de viaturas todo-o-terreno apreendidas pelas autoridades policiais, que também ainda foram utilizadas nos últimos estudos nas margens da albufeira da Barragem do Fratel.

Concomitantemente à estruturação da Arqueologia na Universidade de Évora é instalado, em 1980, nesta cidade, o Serviço Regional de Arqueologia, uma extensão do IPPC, Instituto Português do Património Cultural. Entendeu a Universidade ceder a ala direita do recém-adquirido Palácio dos Condes do Vimioso para a instalação deste Serviço. Dirigia o SRAZS o Doutor Caetano Mello Beirão, secundado pelo Dr. Carlos de Penalva, ambos arqueólogos. Com uma equipa tão reduzida para supervisionar patrimonialmente um território que abarcava todo o Alentejo e Algarve, cedo entendeu o seu diretor estabelecer um protocolo de colaboração com os arqueólogos da Universidade de Évora para, na medida do possível, apoiarem as ações atribuídas aquele Serviço. Passou, assim, o Palácio dos Condes do Vimioso a funcionar como sede do SRAZS e a acolher os gabinetes dos docentes de Arqueologia da Universidade de Évora, que encontraram neste palácio quinhentista as condições físicas para recolher o seu equipamento e materiais de estudo, que o já insuficiente Colégio do Espírito Santo não oferecia. A parceria estabelecida entre o SRAZS e a UÉ veio reforçar, ainda mais, as competências e valências na formação e sobretudo na investigação que esta universidade já, entretanto adquirira.

Desta parceria e colaborações dos arqueólogos da UÉ junto do SRAZS resultam inúmeros trabalhos arqueológicos, maioritariamente de salvamento, em vários locais do Alentejo e Algarve, nos quais vão participar os primeiros alunos do Curso Superior Livre de Arqueologia e mesmo da recém-criada Licenciatura em História e Ciências Sociais. De destacar destas colaborações as intervenções arqueológicas realizadas em sítios dos concelhos de Serpa, Moura, Redondo, Castelo de Vide, Faro, Ourique, Beja, Arronches, Nisa, etc. Algumas destas intervenções vieram a transformar-se em projetos de investigação, mais alongados, com envolvimento de equipas multidisciplinares.

A dinâmica formativa e de investigação em Arqueologia na Universidade começava, assim, a consolidar-se sustentada no forte empenho dos docentes da especialidade e equipa reitoral, mas, sobretudo, na assertiva dinâmica de investigação de Jorge Pinho Monteiro.

A 19 de Fevereiro de 1982, já com o 4.º curso de Licenciatura a decorrer e o 3.º do Superior Livre em desenvolvimento, Jorge Pinho Monteiro morre de doença oncológica. Ao desaparecer o principal pilar da formação e investigação em Arqueologia, a meio do

ano letivo, toda a equipa fica desestruturada. Entendeu a Universidade para substituir, de imediato, na docência Pinho Monteiro convidar os arqueólogos do Serviço Regional de Arqueologia para colaborarem, temporariamente, na lecionação da licenciatura e no Curso Livre. Assim, Carlos de Penalva leciona a componente da Pré-História Antiga e Caetano de Mello Beirão a Pré-História recente e Idade dos Metais, enquanto José Olívio Caeiro que se fixara exclusivamente no Período Clássico assumiu, nessa altura, a lecionação das Civilizações Pré-Clássicas. Na sequência da morte de Pinho Monteiro também a colaboração da investigadora Paloma Amorós termina, e toda a estrutura de formação e investigação em Arqueologia ressentem-se profundamente com o desaparecimento do fundador da Arqueologia, nesta casa.

Terminara, entretanto, o período de instalação da universidade em que os processos de contratação de docentes decorriam, por norma, por convite e para a substituição do lugar deixado aberto por Jorge Pinho Monteiro abriu em 1983, um concurso público para Assistente Estagiário para a lecionação das disciplinas de Pré-História, Pré-Clássicas e Arqueologia. Dezasseis candidatos foram oponentes a esse concurso tendo ganho esse lugar o subscritor destas memórias. Embora o concurso tenha decorrido em junho de 1983, estranhamente, só vim a tomar posse do lugar, em novembro de 1984. Com a minha entrada na Universidade de Évora, na categoria de Assistente Estagiário, são dispensadas as colaborações dos arqueólogos do Serviço de Arqueologia e, o Assistente Convidado José Caeiro, retoma a sua docência na área das Clássicas assegurando, igualmente, a formação na disciplina optativa de Arqueologia Medieval Islâmica, substituindo Paloma Amorós.

Recomposta a equipa docente, termina-se a última formação do Curso Superior Livre em Arqueologia e redesenham-se os programas das disciplinas porque, entretanto, potencia-se a formação de professores de História havendo necessidade de, para esse fim, serem adaptados os diferentes programas da licenciatura.

Em 1985, entende o Departamento de História reforçar a formação em Arqueologia abrindo outro concurso público para Assistente Estagiário. Nesse concurso é admitido Manuel de Castro Nunes que permanece nesta universidade apenas 4 anos. Durante a sua permanência na UÉ constitui-se uma equipa que envolve todos os docentes e alguns alunos para, em colaboração com o Município de Évora, se dar início às prospeções de campo conducentes à realização da Carta Arqueológica do Concelho de Évora. Com a dispensa do assistente Castro Nunes e os outros docentes ocupados na docência e nas respetivas e obrigatórias provas académicas, o investimento na investigação de campo direciona-se para a margem esquerda do Guadiana, tema de tese de doutoramento de

José Olívio Caeiro, onde desenvolve diversas prospeções e escavações em sítios romanos e medievais nos concelhos de Moura, Serpa e Mourão, enquanto eu direciono a minha investigação para o Megalitismo do Nordeste do Alentejo e Extremadura espanhola.

Em abril de 1995 é defendida a primeira tese de Doutoramento em Arqueologia na Universidade de Évora, passando o signatário destas memórias a ser o primeiro Doutor, nesta especialidade, desta Universidade. Já em 1988, nesta mesma instituição, tinha sido o primeiro a prestar Provas Públicas de Habilitação Pedagógica e Capacidade Científica, em Pré-história e Arqueologia.

A legislação até 1999 permitia aos licenciados, que tivessem tido aproveitamento nas diferentes disciplinas obrigatórias, e de opção, em Arqueologia e tivessem participado em, pelo menos, três campanhas arqueológicas de campo e acompanhados de um parecer vinculativo de um arqueólogo sénior serem reconhecidos como arqueólogos. Assim, até 1999, os licenciados em História, com prática de campo, obtinham a carteira profissional de Arqueólogos. Estava, desta forma, institucionalizada a formação em Arqueologia nesta Universidade, o que obrigava a que o corpo docente garantisse, sobretudo nos denominados tempos de férias, campos de trabalho, com prospeções e escavações em todos os períodos históricos, por forma a garantir o tempo de aulas práticas, obrigatórias, para que o jovem licenciado obtivesse carteira profissional junto da entidade da tutela do património cultural português. Todo o corpo docente acolheu, com esforço acrescido, esta responsabilidade formativa, extra-horário, para que esta universidade fosse reconhecida como formadora de arqueólogos. Esta prática arqueológica granjeou-nos grande reconhecimento público, sobretudo, junto das outras universidades, que levou a que esta casa promovesse a criação da CIUARQ – Comissão Interuniversitária de Arqueologia, através do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, muito devido ao empenhamento do Reitor desta universidade, Prof. Jorge Araújo, e dois anos depois, em 1999, organizássemos o 1.º Encontro de Arqueologia das Universidades Portuguesas. Neste encontro, que decorreu ao longo de três dias em Évora estiveram presentes todos os professores de arqueologia das universidades portuguesas que, para além de apresentarem os seus projetos de investigação individuais ou coletivos, promoveu que se estruturassem e articulassem as diferentes formações em cada uma das instituições universitárias.

Com a alteração legislativa de 1999, que obrigava a uma formação especializada em Arqueologia para a obtenção da carteira profissional de Arqueólogo, cria-se no Departamento de História, a Variante em Arqueologia, com o número mínimo de créditos para responder à nova legislação. Esta reforma obrigou a um substancial aumento da carga horária letiva de todos os docentes de Arqueologia, muito para além do estipulado no

ECDU, porque os cortes orçamentais não permitiam a contratação de mais professores. À data, o corpo docente era constituído por um único doutorado, o subscritor destas memórias, pelo saudoso Mestre José Carlos Caetano, que tinha substituído o também já falecido Licenciado José Caeiro, na área das Civilizações Clássicas, pela também já falecida Mestre Carmen Ballesteros, Assistente Convidada, que assumia a docência das Civilizações Pré-Clássicas e Arqueologia Judaica, pelo Mestre Fernando B. Correia, Assistente de Carreira, que lecionava Arqueologia Medieval e Islâmica, pela Mestre Clara Oliveira, como Assistente Convidada, que garantia a docência de Arte Pré e Proto-Histórica e Práticas de Campo, em Pré-História e pela Mestre Teresa Matos Fernandes que assumia a docência da disciplina, à data optativa e atualmente obrigatória de Antropologia Biológica. Com o fim das requisições dentro das instituições do Estado, em 2004, a Mestre Cármen Ballesteros regressa ao Ensino Secundário, perdendo-se todo o investimento na Hebraísta e na Arqueologia Judaica, que já notabilizava a Universidade de Évora. O vínculo desta investigadora mantém-se por mais algum tempo através do centro de investigação a que estava ligada, mas a sua doença e a posterior morte, provocam o fim desta promissora linha de investigação nesta instituição.

Com as alterações decorrentes do Processo de Bolonha, que criava as licenciaturas de três anos a entidade da tutela da Arqueologia Portuguesa determina que, para a obtenção da carteira profissional de arqueólogo, seria necessário o grau de mestre. A Área de Arqueologia da Universidade de Évora, contra ventos e tempestades, propõe, então, a criação dum mestrado. Para esse fim necessita de reforçar o seu corpo docente, contratando-se como assistente convidada, em 2005, a doutoranda Leonor Rocha. Em 2008, cria-se assim o Mestrado em Arqueologia & Ambiente, muito direccionado para os estudos de impacte ambiental, área da maior empregabilidade do sector arqueológico. Quando já se estava a estabilizar o corpo docente e a fileira formativa, uma onda de cortes orçamentais assola os serviços públicos que leva ao despedimento em massa de muitos dos docentes sem vínculo ao Estado terminando, assim abruptamente, a colaboração da Mestre Clara Oliveira, o que provoca um rude golpe numa outra área em que nos queríamos afirmar, a arte rupestre. Pouco tempo depois, em 2007, José Carlos Caetano, o pilar da Arqueologia Clássica desta casa morre subitamente. Com estas inesperadas perdas e quando já o Laboratório de Arqueologia funcionava em pleno, com uma fileira formativa de 1.º e 2.º ciclos e já se alinhava o 3.º Ciclo, perdemos dois docentes fundamentais. Como José Carlos Caetano era Assistente de Carreira, conseguimos autorização para encetar o processo de um novo concurso público, para preenchimento desta vaga. Para suprir, de imediato, a meio do semestre, a perda de José Carlos Caetano, até ao preenchimento da

vaga, é convidado a lecionar, a tempo parcial, o arqueólogo do município de Évora, o Mestre Panagiotis Sarantopoulos. Pela abertura desse concurso, em finais de 2007, entra para a docência da especialidade de Civilizações Clássicas, Pré-Clássicas e Arqueologia Clássica, o ainda então Mestre André Carneiro. Colabora, igualmente, desde essa altura, com a Área de Arqueologia, para a leção da cadeira de Epigrafia, a Professora Cláudia Teixeira, do Departamento de Línguas e para a Arte Pré-histórica, o Professor Manuel do Patrocínio, do Departamento de História.

Em 2009, é reconhecido pela Agência de Acreditação o Doutoramento em Arqueologia da Universidade de Évora. Este 3.º Ciclo de formação foi claramente estruturado em regime de tutoria para dar resposta a uma procura crescente de formação avançada de investigadores que, por motivos profissionais, não podem assistir regularmente a aulas presenciais. Completava-se, assim, a partir de 2009, a fileira de formação em Arqueologia nesta universidade com licenciatura, mestrado e doutoramento, a que mais tarde, em 2011, se veio a associar um outro mestrado internacional, denominado ARCHMAT, que pretende fazer a ponte entre as ciências dos materiais e as ciências históricas, de colaboração com o Laboratório Hércules.

A promulgação de uma nova legislação, em 2014, que impunha outros requisitos para o acesso à profissão de Arqueólogo, conjugada com a nossa constante procura por manter uma formação sólida em Arqueologia, conduziu a que, em 2017, entrasse em funcionamento uma reestruturação do 1.º Ciclo de História e Arqueologia que, no Percorso de Arqueologia, passou a integrar unidades curriculares que consideramos fundamentais, como a Geologia, a Antropologia Biológica, as Ciências dos Materiais, Arqueometria, Topografia, com o apoio de docentes da Escola de Ciências e Tecnologia mas, também, um acréscimo de novas disciplinas de Arqueologia. Como esta fileira formativa não foi acompanhada pelo consequente e necessário reforço do corpo docente, nem da sua natural progressão na carreira, exigindo dos poucos professores de Arqueologia um extraordinário esforço e dedicação, a Agência de Acreditação, em 2016, obriga que a Universidade de Évora reforce, urgentemente, o seu corpo docente e autorize a sua natural progressão na carreira. Devido ao constante estrangulamento financeiro, a Reitoria responde às exigências da Agência de Acreditação, com o estabelecimento de protocolos de colaboração com a Direção Regional de Cultura do Alentejo, que cede temporariamente e a tempo parcial, a colaboração de três dos seus técnicos superiores, os arqueólogos, Doutor Nelson Almeida e os Drs. António Carlos Silva e Rafael Alfenim. Para o mesmo fim, igual protocolo é estabelecido com o Campo Arqueológico de Mértola, contando-se, para a leção, a tempo parcial, das disciplinas de Arqueologia Medieval e Islâmica, dos Doutores Susana

Gomez e Vergílio Lopes. Esta preciosa colaboração termina em 2018, com a abertura de concursos para lugares de professores auxiliares em Arqueologia Islâmica e Paleolítico, que vieram a ser preenchidos, respetivamente, pelos Doutores Susana Gomez e João Marreiros e o apoio de uma investigadora do IHC, Doutora Ana Cristina Martins, que reforçaram, assim, o corpo docente. Em setembro de 2022, o Doutor João Marreiros, aceita o convite de uma instituição de investigação alemã e rescinde o contrato com a Universidade de Évora, obrigando-nos a recorrer, novamente ao protocolo com a DRC, contando-se atualmente, até que novo concurso venha abrir, com a colaboração, a tempo parcial, do Doutor Nelson Almeida.

Porque a formação em Arqueologia exige uma forte componente laboratorial e de campo, cria-se em 1996, com grande apoio da Reitoria, tutelada pelo Prof. Jorge Araújo, o Laboratório de Arqueologia, denominado Pinho Monteiro, em memória do primeiro arqueólogo da Universidade de Évora, com sede na ala direita do Palácio dos Condes do Vimioso. Pela mesma altura e na sequência da responsabilidade científica dos trabalhos arqueológicos da Cidade Romana de Ammaia estarem a cargo da Universidade de Évora e também devido ao já longo investimento em investigação, sobretudo na área da Pré-Histórica naquela região é criado o Polo de Arqueologia da Universidade de Évora em Marvão, que se mantém ativo até à passagem da direção dos trabalhos na Cidade de Ammaia para a Universidade Clássica de Lisboa.

A exigência de campos de trabalho consecutivos obrigava a uma logística a que as estruturas da universidade não conseguiam, ou não queriam, assumir. Para responder a esse déficit interno o corpo docente, individualmente, procurou apoios externos, estabelecendo-se protocolos, ou contratos de prestação de serviços com distintas entidades que necessitavam de apoio de arqueólogos ou equipas de arqueologia. Dessas colaborações com o exterior haverá que destacar os protocolos estabelecidos com as autarquias de Marvão, Évora, Fronteira, Sousel, Estremoz, Monforte, Moura, Serpa, Arraiolos, Mora, Castelo de Vide, Nisa, Ayuntamiento de Cedillo, Ayuntamiento de Valência de Alcântara e com outras entidades que aqui convém destacar, tais como a Fundação Cidade de Ammaia, Coudelaria de Alter, EDIA, REFER, Turismo do Alentejo, Junta da Extremadura, Fundação Paes Telles, Fundação Eugénio de Almeida, Campo Arqueológico de Mértola, etc..

Entre 2016 e 2018 o Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro sofre profundas obras de remodelação. Nas antigas cavalariças do palácio é criado um espaço de exposições, uma sala laboratorial e um gabinete e, no piso superior organizam-se os gabinetes e a biblioteca. Esta biblioteca de arqueologia, já existente desde 2010, resultou da doação de um fundo bibliográfico, pelos descendentes do reconhecido Arqueólogo Vítor Guer-

ra, e que viu, recentemente, o seu acervo aumentar e atualizar-se com as doações, em 2017, 2021 e 2022, respetivamente, das bibliotecas pessoais do Cónego Daniel Rosado, do Dr. António Carlos Silva, do Eng. Gonçalo Cabral, da Doutora Maria José d' Almeida e dos Drs. Maria e Manuel Maia. A este importante acervo junta-se todo o espólio documental e fotográfico de Arqueologia Judaica da Dr.^a Cármen Ballesteros, oferecido pela família desta investigadora. Possui, assim, o Laboratório de Arqueologia, hoje, uma das mais ricas e atualizadas bibliotecas de Arqueologia do País, graças à generosidade dos seus doadores.

Na Sala de Exposições do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro podem ser vistos os materiais arqueológicos recolhidos em intervenções realizadas em diferentes espaços da Universidade de Évora, como os da Anta 2 da Mitra, da Capela de N.^a Sr.^a da Modéstia e do Poço-cisterna do Jardim de Granito, ambos situados no Colégio do Espíritos Santo e diverso equipamento de topografia, algum remontando a meados do século XIX, proveniente de diversos departamentos desta universidade.

Decorridos 44 anos das primeiras aulas de Arqueologia na Universidade de Évora, ministradas por Jorge Pinho Monteiro e depois de muitas vicissitudes, contrariedades e incompreensões, mas também de muita persistência e tenacidade do corpo docente e discente, podemos hoje dizer que o ensino e a investigação em Arqueologia, na Universidade de Évora, estão consolidados. Ainda que com algumas flutuações conjunturais temos assistido a uma cada vez maior procura de alunos nos três ciclos formativos, à consolidação dos projetos de investigação de longo prazo, suportados globalmente por apoios de autarquias, embora, nos últimos anos as prestações de serviços ao exterior se tenham reduzido, drasticamente, face a uma estranha interpretação do articulado do ECDU no que se refere à exclusividade do corpo docente. Este, à data em que termino esta breve memória é composto por um Professor Catedrático, por dois Professores Associados com Agregação, por uma Professora Auxiliar e por dois colaboradores a tempo parcial, contando, ainda, com a colaboração de mais docentes de outras especialidades de diferentes departamentos desta Universidade.